

## Medellin 1968: quando a Igreja virou fonte

30/08/2018

Maria Clara Bingemer  
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

O ano de 1968 marcou a história da humanidade. Na Europa, acontecia a grande revolução cultural que mudou os padrões de vida do mundo ocidental e reforçou a importância das jovens gerações. No Brasil, viviam-se os tempos sombrios da ditadura militar e do Ato Institucional número 5.

Para a Igreja, no entanto, o mesmo ano foi marco de um grande acontecimento: a II Conferência dos bispos de todo o continente em Medellín, Colômbia. Após o Concílio Vaticano II, que trouxe um sopro de abertura e renovação para toda a Igreja, a América Latina queria relê-lo e implantá-lo no seu contexto. E foi isso que fez em Medellín. Concebeu um novo horizonte em sua autocompreensão e em sua ação pastoral. Deixou de olhar para dentro de suas fronteiras e voltou sua atenção para a realidade na qual estava imersa e situada.

Ao olhar em volta e mergulhar a atenção na realidade, os bispos viram uma desigualdade gritante entre ricos e pobres e uma opressão e violência institucionalizadas. Constataram que o maior continente cristão do mundo era igualmente aquele que abrigava o maior nível de injustiça. O clamor das vítimas desse estado de coisas se fazia ouvir e chegava ao coração dos pastores.

Foi assim que a Conferência de Medellín se comprometeu a estabelecer novas prioridades para seu trabalho pastoral, guiada pelo binômio inseparável fé e justiça. Entre todos os fiéis que viviam no continente, a atenção privilegiada do trabalho pastoral deveria ser direcionada para os mais pobres. Uma opção preferencial deveria ser feita por eles.

Uma vez estabelecida essa diretriz maior, outros compromissos foram estabelecidos. Para pensar a fé a partir de uma atenção privilegiada aos pobres, havia que criar um novo modo de fazer teologia. Nascia ali o embrião da que depois foi chamada de “Teologia da Libertação”. As teorias do desenvolvimento ganhavam força naquele período, mas a Igreja escolhia o termo “libertação” por acreditar ser mais profundo e acertado que o primeiro.

A articulação das comunidades de uma Igreja que assim se concebia ia acontecendo nas bases. Pequenos grupos de pessoas se reuniam em torno da Palavra de Deus, aplicando-a para sua vida de cada dia. Esse movimento cresceu e se espalhou por todo o continente, trazendo ar fresco e vida nova para aqueles que encontravam no Evangelho sua maior esperança. Os bispos em Medellín acolheram com alegria essa “eclesiogênese” e se dispuseram a acompanhá-la com carinho.

A pergunta lançada pelas conclusões da II Conferência era: o que significa ser cristão em um continente de pobres e oprimidos? Significou para muitos não apenas ajudar os pobres, mas partilhar com eles, em alguma medida, os efeitos dolorosos da injustiça e da opressão. Implicou fazer mudanças profundas em suas próprias vidas para serem fiéis a este propósito. Falar a língua das culturas indígenas e nativas, valorizando suas tradições, rituais e modos de culto. Integrar essas culturas como parte constitutiva do discurso e da prática eclesial.

Hoje, 50 anos depois, importa celebrar esse grande acontecimento e continuar a pôr em prática tudo que com ele foi vivido e aprendido. Em Medellín, a Igreja latino-americana deixou de autocompreender-se como réplica da Europa. Em palavras do eminente e saudoso jesuíta brasileiro Henrique de Lima Vaz, era preciso deixar de ser

uma Igreja-reflexo e passar a ser uma Igreja-fonte. E assim o disseram os bispos reunidos em 1968. A Igreja do continente assumia sua vocação e destino de ser fonte de um novo modelo eclesial.

Em um mundo globalizado como o nosso hoje, as intuições proféticas de Medellín continuam válidas e inspiradoras. Para anunciar a alegria do Evangelho, é preciso encarnar-se nos contextos e culturas para conhecê-los a partir de dentro. No entanto, esse mesmo processo de encarnação obriga a sair para fora do já conhecido e dos limites interinstitucionais

O pontificado do Papa Francisco confirma toda essa trajetória eclesial que festeja cinco décadas. A Igreja em saída por ele proposta é a confirmação das prioridades de Medellín e a garantia de que hoje é preciso continuar a pisar os caminhos ali abertos.